

Corpos-ecos-ecologias pelas ruas da cidade.

Shaula Maíra Vicentini de Sampaio*
& Daniel Ganzarolli Martins**

Resumo.

A cidade, pensada como aglomerados de fluxos –de pessoas, de veículos, de seres não-humanos, de vestígios de outros tempos– sobre cenários que se modificam a cada dia, nos interpela cotidianamente em nossas travessias, em nosso habitar, nas relações que estabelecemos com os outros (humanos e não-humanos). Tampouco suas múltiplas facetas se apresentam a nós sem que nos abramos ao exercício de reaver o habitual ou banal. Quais as distintas camadas que se sobrepõem nas cidades? Que marcas a cidade produz em nós e que marcas nós deixamos na cidade? Como (re)ocupa-la uns com os outros, em coletividade? Como podemos inventar outras formas de habitar juntos seus espaços? E como lidaremos com a perda ou reorganização abrupta desse espaço público em tempos de catástrofes? Nesse ensaio apresentamos três distintas narrativas que se desenrolaram a partir de experiências da ocupação e deslocamentos pelo espaço urbano. Buscamos propiciar uma reflexão sobre os tipos de encontro que podem ocorrer entre nossos corpos com o corpo da própria cidade, convidando-nos a um exercício simultâneo de estranhamento e familiaridade com esse ambiente. E também sobre nossas relações com a cidade enquanto um percurso possível de ações educativas, de ativações pedagógicas com as ecologias, com os ambientes, com os diferentes corpos que ocupam os espaços urbanos.

Palavras-chave.

Cidade, Corpo, Experiências, Educação ambiental, Espaços Urbanos.

Abstract.

The city, thought as a variety of flowing clusters –of people, vehicles, non-human beings, reminiscences of past times– sprawled over everchanging scenarios, interpellate us in our everyday crossings, dwellings and relationships established with others (human and non-human ones). As soon as its multiple faces are presented, one must be opened to retrieve the ordinary. What distinct layers are imbricate and overlapped in the city? What markings does the city leave on us and which marks do we leave back in the city? How could we (re) occupy ourselves with one another, in collectivity? How could we forge other ways of inhabiting the city spaces together? And how could one cope with loss or sudden changes in public spaces in times of catastrophes? In this essay three narratives are presented and developed from the perspective of different occupation and wanderings throughout the urban space. We seek to provide a reflection on the types of encounters which may occur between our bodies and the body of the city, as an invitation to a simultaneous exercise of wonder and familiarity with this environment. We also seek to reflect about our relations with the city as a possible path of educational actions, as well as pedagogical activations with different ecologies, environments and bodies that exist in urban spaces.

Keywords.

City, Body, Experiences, Environmental education, Urban Spaces.

* Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação da [Universidade Federal Fluminense](http://www.uff.br) (UFF). Graduada em Ciências Biológicas (UNICAMP) e mestre e doutora em Educação (UFRGS). Desenvolve pesquisas na área da educação, especialmente na interface com a Educação Ambiental, os Estudos Culturais em Educação e o Ensino de Biologia. E-mail: shaula.maira@gmail.com

** Graduado em Ciências Biológica pela [Universidade Federal de Santa Catarina](http://www.ufsc.br) (UFSC), mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e atualmente doutorando em Educação também pela UFF. É professor da disciplina de ciências na rede pública de ensino do município de Maricá (RJ). E-mail: danielgmk9@gmail.com



1. Uma experiência de teatro-percurso na cidade

Recém-chegada em uma nova cidade grande, caótica, desconhecida, fiquei sabendo de uma peça de teatro em que o ponto de encontro seria a Estação Central do Brasil. Sabia apenas que seria um espetáculo de um grupo de teatro do Complexo da Maré¹ e que se daria em um percurso de trem por uma região da cidade que eu desconhecia totalmente. Já se passaram seis anos e sempre quis escrever sobre essa experiência, ainda que nunca tenha conseguido contar a ninguém, de forma mais vívida, o que aconteceu neste dia. Agora, tanto tempo depois, valho-me da imaginação e das memórias fugidias dessa tarde de sábado. Sobreponho-me, assim, nessa minha narrativa, ecos de uma experiência física, sensorial, corporal, com a cidade, com as pessoas que transitam diariamente pelos traçados cotidianos entre casa e trabalho, entre periferia e centro, entre o subúrbio e o coração da metrópole, com a paisagem estrangeira de caminhos nunca percorridos por mim, a partir das ações propostas pelos atores dessa companhia que permitiram que cada um vivenciasse aquele trajeto de uma forma singular. Uma peça em movimento, dentro do trem, desembarcando em estações, olhando bairros que eu não sabia nomear, ouvindo músicas, de olhos fechados, mergulhada em sensações novas e intensas que nunca consegui reviver. O exercício que faço aqui é o de ficcionalizar essas lembranças a partir dos resíduos de sentidos que se mantiveram em mim. Escolhi falar desse acontecimento porque me senti arrebatada por ele em uma relação com a cidade nunca experimentada, algo que a arte muitas vezes nos provoca pode, mistura de estranhamento com encantamento, de estar aberta para o que acontecer.

Tentativa, provavelmente intangível, de contar uma experiência, em seu belo sentido lançado por Larrosa (2002), como o que nos toca. E sabendo que, nesses tempos, tão poucas coisas nos tocam de fato: as experiências são muito raras. Por isso, tantas vezes me incomoda o uso que se faz desse conceito em trabalhos acadêmicos: como se vivêssemos experiências frequentemente em uma aula, em uma atividade pedagógica. Quisera eu que minhas aulas fossem experiências... Mas sei que essa abertura para o desconhecido, essa maré de sensações que arrebatam nossos sentidos, se dá em poucas ocasiões. Por isso, gostaria de trazer aqui as palavras do autor, tantas vezes citadas, porque elas remetem a sensações que tive neste dia tão singular da minha vida na cidade do Rio de Janeiro.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos (...). (Larrosa, 2002: 24).

1 O espetáculo se chama “In_Trânsito Odisseias Urbanas”, da Cia. Marginal. “Assisti” a peça no ano de 2014. A matéria “‘In Trânsito’ retrata uma odisseia nos trens do Rio e muda o cotidiano” traz mais alguns elementos acerca do espetáculo, que se fossem contados aqui, prejudicariam a narrativa que se buscou montar acerca da minha experiência. O texto pode ser acessado no [link](#).



Nessa *peça* de teatro vivi claramente esse sentimento de interrupção e de abertura, suspendendo suposições sobre o que iria acontecer, deixando-me apenas com a intenção de estar viva naquele momento, com aquelas pessoas, mas mergulhada em mim mesma, numa relação indefinível entre eu comigo, eu com os outros, eu com a cidade. Cidade como aquilo que era desconhecido, no meu caso, a cidade inteiramente vivida como diferença, ainda quase nada apreendida por mim. Pensando muito tempo depois, a cidade continua sendo estrangeira, inominável, mas passei, com o tempo, a criar estratégias de familiaridade, supondo compreender aquilo que nunca poderei conhecer inteiramente. A cidade é um enigma.

Chegando, pela primeira vez, na Estação Central do Brasil me deparei com um espaço de trânsito intenso de pessoas. Muitas pessoas andando rápido, chegando e indo, passando. Até que encontrei o que entendi ser o elenco da *peça*: pessoas com roupas extravagantes cheias de pelos, performando, dançando, nos chamando para essa viagem. Nos reunimos e entramos em diferentes vagões de trem, cada um com um integrante da companhia, nossos inusitados “guias”. Ele me deu óculos de natação cobertos com papel preto, que impediam de enxergar e minha primeira (e até agora única) viagem de trem no Rio de Janeiro foi feita sem o aparato da visão. O “guia” conversava com os demais passageiros do trem, perguntando sobre suas viagens diárias, sobre seus cotidianos nesse ir e vir, embarcados. Nós, estrangeiros, apenas escutávamos os relatos, sobrepostos, dos nativos daquele espaço: passageiros do trem voltando para suas casas. Ouvíamos também os ruídos do trem, as vozes de ambulantes, sentindo a viagem da maneira como podíamos, com nossos pensamentos e sensações.

Em cada estação em que parávamos eram propostas ativações poéticas diferentes. Em uma havia uma banda improvisada em um carrinho, tocando

bateria, intervindo no espaço por meio da música. Em outra, olhávamos a paisagem –a fronteira entre uma comunidade e a estação sob a luz do entardecer– ouvindo, em nossos telefones, um áudio disponibilizado pela companhia. Numa outra parada, tinham cabanas montadas nas quais nos agrupávamos e lá encontramos diversos monóculos com fotos de indígenas, enquanto os atores nos contavam fragmentos de histórias, atualizando outras formas de estarmos juntos nos espaços, ouvindo histórias, em pequenos grupos. Na última parada nos dividimos em dois grupos que ficamos em lados opostos da estação junto às pessoas que esperavam os trens nos dois sentidos. Em cada lado, havia um megafone e nos comunicávamos com as pessoas que estavam do outro lado. Quem quisesse pegava o megafone e falava alguma coisa para quem estava do outro lado: mandava um recado para alguém, fazia uma pergunta, recitava poesia, cantava uma música... Os transeuntes também eram chamados a participar. Ao mesmo tempo, os atores nos falavam sobre as travessias cotidianas feitas pelas pessoas na cidade, lembrando a quantidade de horas que passamos a cada ano em meios de transporte, atravessando bairros, cruzando com outras pessoas em nossas odisséias vividas dia-a-dia, ano a ano, em uma vida.

Voltei pra casa muito tocada com tudo o que aconteceu nesse dia e até hoje fico remoendo essa experiência. Escrever sobre ela é tentar compor em outros sentidos –os que ficaram em mim e aqueles acionados na escrita deste texto– uma meditação sobre a cidade e nossas relações com ela. Algumas coisas nos marcam, ao longo da vida, mas deixamos ali, quietas, guardadas, por um tempo. Ocupando um lugar entre nossas memórias, juntando-se aos fios soltos e desorganizados das experiências marcantes, aquelas que nunca esquecemos por completo, pois estão ali, nos fazendo. Raramente conseguimos, como faço agora, pinçar essa lembrança e com ela escrever, pensar, tecer com outros fios.



De forma poética e delicada (sem didatismos ou argumentações), essa peça em trânsito me colocou diante de outra cidade, de uma série de sensações com a/pela cidade, abrindo brechas nas proteções que criamos para atravessá-la em nossos percursos diários, em nossos automatismos cotidianos. Refleti sobre o que nos leva a parar de prestar atenção em seus detalhes, a ignorar os acontecimentos que não se repetem e estão ao nosso redor o tempo inteiro. Lembrei que o meu corpo ocupa a cidade e que ele não se limita à visão, pois a cidade nos penetra de diferentes formas. E que essa entidade que genericamente estou chamando de cidade, é um aglomerado de fluxos –de pessoas, de veículos, de seres não-humanos, de vestígios de outros tempos– sobre um cenário que se modifica a cada dia.

Peter Pal Pelbart (2000) aponta que:

Como diz Rajchman, somos sempre interiores e exteriores à cidade, o que nos faz sair dos possíveis estocados para afrontar outros mundos, outras histórias, outros agrupamentos virtuais, sempre recriando espaços lisos, reinventando singularidades de espaços-tempos, reabrindo em nosso cérebro e na cidade, as passagens, os sulcos, seus escapes, suas novas conexões (Pal Pelbart, 2000).

O que a cidade pode fazer conosco e o que podemos fazer com ela? Essa indagação que lanço a partir da reflexão de Pal Pelbart e do relato dessa experiência singular que relatei é central neste texto que também busca ensaiar outras possibilidades de pensar nossas relações com a cidade enquanto um

percurso possível de ações educativas, de ativações pedagógicas com as ecologias, com os ambientes, com os diferentes corpos que ocupam os espaços urbanos. Pensar em outros agrupamentos, outros contatos, outras formas de estar na/com a cidade, que não deixa de ser o habitat onde milhares de pessoas e outros seres vivem suas vidas, tecem seus cotidianos. Em relação.

2. Ecologias e pedagogias pelas ruas da cidade: experienciar percursos

Como pesquisadores em educação ambiental, entendemos² que a cidade é frequentemente ignorada tanto nas teorizações quanto nas práticas dentro desse campo. Numa percepção convencional, a cidade seria a antítese de uma natureza pura, a princípio intocada por mãos humanas, a qual seríamos convocados a preservar. O ambiente urbano, principalmente naquelas áreas afastadas dos bairros ricos e opulentos, com certo esmero paisagístico, é normalmente caracterizado com uma ausência de verde, de animais silvestres, da água e do ar puros, e, pelo contrário, é o espaço onde há uma proliferação de sujeira, ruídos, gambiarras, concreto e paredes. É também um habitat ideal para animais não tão convidativos à conservação, como ratos, baratas e cães vira-latas. Mas podemos considerar que, mesmo nessa primeira impressão pouco cativante, na cidade também existem e vicejam distintas ecologias.

A cidade seria tomada, nesse viés mais conservador de uma educação ambiental, como um espaço catalisador de desequilíbrios ambientais: impermeabilização do solo, poluição, canalização de corpos d'água, falta de saneamento básico, consumo excessivo, dentre tantas coisas que poderíamos citar. O cidade é de onde deveríamos fugir numa prática de educação ambiental (rumo a parques, áreas verdes e preservadas) ou aqueles que deveríamos necessariamente modificar, melhorar. Há,

2 Algumas partes do texto foram escritas na primeira pessoa do singular e outras na primeira pessoa do plural, já que as narrativas foram escritas pela autora, pelo autor ou pelos dois conjuntamente. Como se tratam de relatos, consideramos que não seria adequado haver uma padronização nesse sentido.



inclusive, termos novos que vêm sendo criados para aludir aos sintomas que a falta de contato com o verde traria para as pessoas, especialmente as crianças, como “transtorno de déficit de natureza”.

Acontece que somos nós que criamos as cidades e é onde vive uma parcela imensa da população. As cidades nos constituem e nós as constituímos. Produzimos todos esses elementos desafiadores da ordem, como na ideia de “devir-descarte”, proposta por Vaz (2018: 2), que versa sobre os “elementos que, ao mesmo tempo em que pertencem à cidade, incomodam, escapam às lógicas de planejamento do uso dos espaços (...)”. Olhar para esses elementos como aquilo que deve ser rechaçado, ou melhor, desviar o olhar para todos esses elementos é negar o que fazemos, onde vivemos e quem somos. Não nos parece, então, interessante propor uma educação ambiental que negue essa paisagem por onde nos deslocamos cotidianamente. A cidade é o meio ambiente em que vivemos e de nada adianta quereremos ver somente passarinhos cantando, rios de águas puras, e fingirmos que as pilhas de lixo que retiramos todos os dias do nosso campo de visão desaparecem sem deixar vestígios. Os excessos –de materiais, de matéria orgânica, de embalagens, de dejetos– continuam sendo presenças indeléveis na vida urbana, constituem parte do tecido, mais ou menos visível, que se trama em nossa existência contemporânea...

Afetados por essas inquietações, sentimo-nos provocados a planejar numa oficina que movimentasse outros tipos de sentidos e experimentações com o corpo da cidade, onde a presença de nossos próprios corpos também estivesse presente de diferentes maneiras. Tivemos como “tubo de ensaio” fortuito uma turma de licenciandos em ciências biológicas, que necessariamente cursam a disciplina de “instrumentação em educação ambiental” na sua graduação (uma educação ambiental instrumental já renderia boas críticas, mas provavelmente seja melhor não nos atermos ao nome da matéria nesse momento...).

Partimos da vontade de promover diferentes encontros com a cidade, buscando uma pedagogia do deslocamento, da abertura e da inconclusão. Percorrer uma parte da cidade sem um roteiro rígido, estar atento a coisas que não costumamos perceber no nosso “nomadismo frenético” (Pal Pelbart, 2000) cotidiano, suscitar movimentos que não fossem guiados pela necessidade de chegar a uma compreensão unificada do vivido. Como sugere Vaz (2018: 2), “entrar em devires com os excessos da cidade não implica na comparação com aquilo que não excede, mas em alianças pelas quais não assimilamos a cidade enquanto saber. O que fazemos é nos movimentar com ela, rumo à criação de saberes moventes”.

Cabe dizer que temos buscado inventar práticas de educação ambiental interessadas em propor perguntas, em criar a partir de questionamentos. Não pretendemos responder essas perguntas, procurar soluções para o que elas propõem. As perguntas, em nossas práticas, estão voltadas à movimentação dos pensamentos e das ações. São perguntas que não possuem uma resposta, pois são perguntas ativadoras (de imagens, de narrativas, de outras perguntas...). Como gostamos muito desse exercício de inventar perguntas e dedicamos um tempo expressivo a ele, vamos apresentar as perguntas que criamos para “guiar” essa oficina:

Cidades visíveis e invisíveis: onde estamos juntos? Cidades supostas, necessárias e possíveis: o que separa o juntos do coletivo? Como podemos (in)ventar outras formas de habitar juntos a cidade? Quais as camadas que ocupam a cidade? Que marcas a cidade produz em nós e que marcas nós deixamos na cidade? Como (re)ocupar a cidade uns com os outros?

A partir disso, pensamos em distintos trajetos que poderiam ser feitos com os estudantes pelo centro da cidade na qual está inserida a universidade. Cada trajeto seria trilhado enfocando um viés distinto e



percorrido por um pequeno grupo de estudantes. Assim, os participantes só poderiam estar presentes em um único percurso.

No primeiro percurso, o grupo deveria estar atento aos sons que a cidade reverbera. Que sons podemos escutar na caminhada? Qual a intensidade de cada som? Quais seriam os silêncios? Como o corpo reage aos diferentes sons da cidade? Quais movimentos os sons que ouvimos suscitam em nosso corpo? Também pensamos em propor que os participantes criassem movimentos para esses sons, mas isso dependeria do que acontecesse na caminhada, da abertura dos participantes e de outras invenções que poderiam nos ocorrer durante o percurso.

No segundo percurso, buscamos prestar atenção aos não-humanos que (re)existem na cidade. Como eles habitam a cidade? Como os olhamos? Como eles nos afetam? Qual é o espaço da cidade que eles ocupam? Como eles respondem às formas como lidamos com eles?

No terceiro percurso, optou-se por observar a cidade e suas inscrições. Quais são as “pinturas rupestres” do contemporâneo? Que histórias elas nos contam? Que mensagens nos chegam pelos muros, outdoors, cartazes? Como a cidade nos interpela e que apelos ela nos faz? Como essas inscrições urbanas nos afetam no cotidiano? Há rastros de vozes coletivas nessas mensagens?

No quarto e último percurso, procuramos notar os corpos que habitam/ocupam a cidade. Como se

dão os (des)encontros dos nossos corpos com o outro e a cidade? Como somos afetados e afetamos nos nossos deslo(u)camentos?³ Como é possível ressignificarmos nossos caminhos e caminhadas? O que nos atrai e nos repele no outro? De que formas nossos corpos podem habitar ou habitam coletivamente a cidade? Nesse percurso, planejamos andar atentos às expressões corporais dos outros e nossas.

E também pretendemos brincar com os nossos corpos, usando objetos de formas inusitadas, fazendo gestos e expressões não usuais, tendo em vista a seguinte provocação: O que você sente ao se deslo(u)car? Como as pessoas reagem a um corpo “fora do comum” (em seus movimentos) na cidade? O que parece estar invisível ou (quase) invisível na cidade? Quais as histórias que os corpos que habitam a cidade nos contam? Como Santos e Kasper (2016) nos inspiram:

As alianças produzidas em nosso percurso indicam que há no corpo uma dimensão capaz de inaugurar outros mundos. Antes de ser o lugar sobre o qual o poder investe seu controle, produzindo desejos e modos de vida padronizados, ele é lugar de experimentação e invenção, portanto, de combate e de resistência às mais variadas formas de tirania. Fazer perder a dimensão estética do corpo, ou seja, sua dimensão sensível capaz de ativar a potência de escutar e de ser afetado pelas diferenças no mundo, é o que interessa ao poder. Contudo, ao poder daqueles que se querem nossos governantes, nossos responsáveis, contrapõe-se a potência do corpo. (Santos e Kasper, 2016: 605).

3 Os livros “Des-loucar-se”, organizados coletivamente por Pereira et al. (2017), trazem uma coletânea de preciosas escritas e imagens nesse sentido. Como nos ativam os pensamentos de Susana Dias, que fez o prefácio do livro I: “Se a cada escrita um “nós” é delirado, é porque escrever é um modo de compor e de variar o humano, é também um modo de combatermos o “nós” e o “mesmo” ” (Pereira, 2017:6).



3. O que a cidade convida ao corpo?

Estamos no centro da cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. O sol brilha abafado sobre nós, mas as abundantes árvores ao nosso redor proporcionam uma sensação de frescor. Foi decidido que iríamos nos encontrar nas proximidades do estacionamento do campus Valonguinho da Universidade Federal Fluminense. Eu, junto a outros colegas de orientação da professora, realizaremos com os estudantes de graduação em Biologia uma oficina que faz parte do planejamento da disciplina de instrumentação em educação ambiental. Sair para espaços externos, fora dos habituais cubículos das salas universitárias, geralmente é sempre um bom motivo de empolgação entre os estudantes.

Após agregar um certo número de participantes dessa turma, a professora começa apresentando algumas orientações sobre como se dará essa oficina pelo centro da cidade. Ela propõe numa dinâmica, pedindo que os estudantes escolham e escrevam num pedaço de papel uma palavra que caracterize o que eles pensam sobre a cidade. A não definição de uma cidade específica foi proposital. Palavras que surgiram incluíram: “poluição”, “sujeira”, “insegurança”, “medo”, “confusão”, “cimento”, “confusão”, “desigualdade”, “cinza” etc. Elas ficaram dispostas no chão de concreto para que todos pudéssemos ver. Claramente nossos corpos se veem frágeis diante da hostilidade dos centros urbanos, da constante ameaça de contágio, perda, dano... Quase automaticamente o outro é um potencial inimigo.

Após essa dinâmica, nossa professora lê um trecho do livro “As cidades invisíveis”, do escritor Ítalo Calvino:

No centro de Fedora, metrópole de pedra cinzenta, há um palácio de metal com uma esfera de vidro em cada cômodo. Dentro de cada esfera, vê-se uma cidade azul que é o modelo para

uma outra Fedora. São as formas que a cidade teria podido tomar se por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente. Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas, enquanto construía seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes e o que havia sido um possível futuro hoje não passava de um brinquedo numa esfera de vidro.

Agora Fedora transformou o palácio das esferas em museu: os habitantes o visitam, escolhem a cidade que corresponde aos seus desejos, contemplam-na imaginando-se refletidos no aquário de medusas que deveria conter as águas do canal (se não tivesse dessecado), percorrendo no alto baldaquino a avenida reservada aos elefantes (agora banidos da cidade), deslizando pela espiral do minarete em forma de caracol (que perdeu a base sobre a qual se erguia).

No atlas do seu império, ó Grande Khan, devem constar tanto a grande Fedora de pedra quanto as pequenas Fedoras das esferas de vidro. Não porque sejam igualmente reais, mas porque são todas supostas. Uma reúne o que é considerado necessário, mas ainda não o é; as outras, o que se imagina possível e um minuto mais tarde deixa de sê-lo. (Calvino, 2008: 16)

Ela também pediu para que escrevêssemos num papel mais uma palavra, dessa vez uma que demarcasse a cidade a qual desejávamos, montando mais uma vez composições de palavras. Surgem outros termos, dessa vez com uma significação mais utópica e ideal. Palavras como: “agradável”, “humana”, “limpa”, “acolhedora” e “dinâmica”.

Proliferaram muitas ideias divergentes de uma cidade ideal e conversamos sobre como todas essas cidades estão sobrepostas, desenhando uma



multiplicidade de camadas. Uma cidade vivida pelos moradores de rua, uma cidade dos artistas, cidade dos carros, cidade dos que pegam ônibus, cidade dos ciclistas, cidade dos gatos, cidade que nos deixa marcas todos os dias e na qual deixamos marcas, mesmo que muitas vezes de forma inconsciente.

Eu, outros colegas de orientação, a professora e os estudantes no dividimos em quatro grupos menores para guiar os distintos trajetos selecionados pela cidade. Iniciamos nosso trajeto saindo do campus Valonguinho e nosso destino final seria o Teatro Popular Oscar Niemeyer, uma das belas obras que o arquiteto imaginou e concretizou em Niterói. Lá iríamos acabar nos reencontrando com os outros subgrupos.

Eu estava num grupo de cinco pessoas; após nos apresentarmos brevemente, logo de antemão combinamos de caminhar sem nenhuma vocalização de palavras ao longo do percurso. Iríamos, hesitantes, nos comunicar por mímicas, improvisos. Havia também sugerido aos estudantes que nos abrissemos a diferentes experimentação com o corpo nessa caminhada pelo centro urbano.

Iniciamos nosso deslocamento pelas árvores que envolvem o campus, agora mais atentos ao ambiente ao redor, e o som de insetos e aves era gritante, mesmo estando no miolo-coração dessa cidade. Vagamos lentamente, pesadamente, como bichos-preguiça letárgicos. Em seguida, nos movíamos velozmente, voando como borboletas furiosas, pirilampos apaixonados! Exercitamos caminhares estranhos, tortos, esquisitos.

Saindo do campus, ao nos aproximarmos das multidões de pessoas, tornamo-nos operários em curto-circuito no meio do formigueiro de gentes que caminhavam de lá para cá, de cá para lá, pela agitada selva de concreto. Apesar de certos constrangimentos iniciais, nossa pequena coletividade de quase estranhos em poucos minutos criou um

sentimento de consentimento entre si. Essas intervenções corporais iam se dando espontaneamente entre nós, o direcionamento que havia sido planejado de antemão se deu apenas nos momentos iniciais, logo após já estávamos totalmente sem roteiro. Não nos comunicamos com palavras foi essencial, pois abriu espaço para uma série de intervenções corporais de contato e improvisação feitas de forma coletiva.

Em meio ao fluxo de pessoas, encontramos um palhaço e uma palhaça pelo caminho. Estavam calorosos em frente às barcas que conectam com o centro do Rio de Janeiro, distribuindo afetos. Nosso entrosamento é imediato, mesmo sem palavras, falamos com os olhos e nos demos fortes abraços, entremeados de sorrisos bobos. Despedimo-nos. Nós, tentativas frágeis-improvisadas-momentâneas de palhaços, víamos coisas que só precisavam um pouquinho mais de atenção para serem vistas. Uma folha grande de árvore colocada na cabeça virava um chapéu chique. Ou folhinhas pequeninas se transmutavam em confetes de Carnaval. Como Kasper (2009) nos indaga:

O palhaço é amoral, inocente. Está ligado ao anárquico, ao pequeno, ao minoritário, ao que escapa e foge em uma sociedade. Aqueles aspectos seus que cada um aprendeu a esconder, aprenderá agora a mostrar. Irá explorar e criar novas maneiras de fazer as coisas, explorar seu corpo no contato com outros corpos, com o mundo, indo —no nosso ponto de vista— muito além de sua história pessoal. Nessas explorações, que são experimentações vitais, criam-se formas singulares de subjetivação, de abertura para a alteridade, que permitem fugir da identidade, tornar-se outro, aprendendo a rir de si mesmo. “O riso é uma coisa muito poderosa, provoca muitas coisas. Com o riso parece que respiram alguns lugares que estavam duros” — afirma Ricardo Puccetti. (Kasper, 2009: 206)



Entre as multidões havia risos, sorrisos, olhares constrangidos, indiferença. Um estranho ou uma estranha é fácil ignorar, mas cinco de uma vez em fila indiana imitando uma maria-fumaça? Ora trem, ora agentes secretos da inteligência palhacesca. Ou quem sabe manequins posando em grande estilo no shopping das barcas. Em poucos instantes virávamos caçadores com arco e flechas imaginários indo atrás dos muitos pombos de peitoral avantajado que voam e beliscam restos pelo centro. Transformamos numa célula que fagocita a tudo e a todos, como bons entusiastas da biologia. Houve até a celebração de um casamento pagão improvisado, entremeando tantas mutações. Fazíamos caretas, seja aspirando aos cheiros doces das flores de uma árvore, aos odores da comida engordurada sendo preparada, ou aos vapores do lixo que azeda pela calçada.

Encontramo-nos junto aos outros coletivos na sombra projetada pelo Teatro Popular de Niemeyer. E compartilhamos com eles, em traços rápidos num papel, esse aloprado trajeto. A urbe, no tremer das suas multidões, é a possibilidade de encontro, reencontro, desencontro. A cidade –tão pavorosa, poluída, indiferente– nos convidou a brincar e a ser simplesmente espontâneos, fragilmente guiados pelo improviso:

Entre tantas paisagens e territórios subjetivos. Espaços de experimentação. Diferentes modos de lermos e experimentarmos o mundo. Grafias no corpo de modos de lidar com educações. Contágio, contaminação. Aprender por contágio: devir outro na vizinhança de outrem. Nesses processos de produção de subjetividade, nesses processos formativos, o que vale? Vale o que afirma a vida. Com Espinosa, pensamos: o que nos afeta de alegria aumenta nossa potência de agir. (Kasper e Tóffoli, 2018: 92).

A cidade, como espaço potencial de uma multiplicidade de encontros, nos afeta. É no espaço urbano

onde, atualmente, está a maior porção da humanidade. Ao mesmo tempo em que as cidades propiciam uma infinidade de vibrantes acontecimentos, elas também padecem de uma infinidade de problemas sociais, ambientais, sanitários. A cidade é composta por camadas que ora se atravessam, ora talvez nunca se encontrem. Há cidades visíveis ou invisíveis de dependendo do interlocutor. Como distinguir nela uma simples aglomeração de uma real coletividade? Como podemos inventar outras formas de habitar juntos a cidade? Que marcas a cidade produz em nós e que marcas nós deixamos na cidade? Como (re)ocupar a cidade uns com os outros?

4. Do corpo sem a cidade: breve escrita sobre o acontecimento viral

Os cientistas dizem que veio de um morcego ou de um pangolim. Viajou dentro de um avião, dentro de um corpo humano, espalhando-se assim por todos continentes. Em poucas semanas as ruas das maiores cidades do mundo se esvaziaram com o temor de uma palavra que parece ter saído de um filme de ficção científica: pandemia. Sentimos medo. Um vírus coroadado, minúsculo, ser que não é vivo nem morto, disseminou-se numa velocidade que deixou a humanidade abismada. As fronteiras se fecharam rapidamente para pessoas, ao contrário das mercadorias que seguem seus urgentes fluxos. O mercado da bolsa de valores se põe “nervoso”, para não dizermos “desesperado”. A falsa sensação de controle que parecíamos ter sobre o futuro se dissolve numa sopa de incertezas.

O que torna as escritas anteriores mais idiossincráticas é elas terem sido feitas num período em que as cidades estão particularmente vazias e silenciosas. Uma grande quantidade dos moradores das cidades está, nesse exato momento, dentro de suas casas ou apartamentos, evitando contatos físicos em



um momento de pandemia. O outro pode ser a ameaça ou o ameaçado: aquele que porta o vírus ou aquele que pode contraí-lo.

Sair para as ruas, por qualquer motivo, é preparar o corpo para a uma tensão. Muitas pessoas estão impossibilitadas de fazer a quarentena, arriscando no dia-a-dia a materialidade dos seus corpos para conseguir o sustento de suas famílias. A precariedade de muitas vidas, já tão agudamente presente nesse país chamado Brasil, torna-se ainda mais gritante com esse vírus. Como lavar as mãos se não há água corrente em casa? Há forma de separar os idosos e os que têm a saúde vulnerável de uma habitação com um único quarto compartilhado por muitas pessoas? É possível se isolar numa bolha protetora se não há comida na dispensa, ou dinheiro para comprá-la, ou tampouco política social imediata do estado que apazigue a dor da fome? Políticos e empresários tão ou mais pestilentos que o próprio vírus nos intoxicam com suas palavras inconsequentes, obscenamente inconsequentes.

Nesse cenário distópico que nos encontramos nesse momento, gestos como abraçar, beijar, dar as mãos, e até respirar o mesmo ar, são considerados perigosos, potencialmente fatais para nós ou para os outros que amamos. Ao mesmo tempo, os corpos, tão distantes espacialmente, encontram-se apenas na virtualidade dos bytes e das projeções dos dispositivos eletrônicos. Há infindas mensagens de amor e temor que se espalham pelas redes sociais. Gestos de solidariedade também se disseminam entre nós, formando uma espécie de antivírus emocional que nos protege ou protegerá das perspectivas de porvir que nos assombram.

E a cidade nos falta. Escrever sobre ela é como falar sobre um daqueles entes queridos que desejamos logo re-encontrar, estar juntos... Ver os movimentos incessantes dos transeuntes numa agitada avenida, encontrar com uma amizade querida no parque, ir até a padaria comprar alguma guloseima sem a necessidade de se precaver para uma guerra microscópica. Mas a cidade não está suspensa. É outra cidade que se apresenta aos nossos olhos ainda incrédulos.

Pelo menos uma vez ao dia, há uma melancólica sensação que nos puxa pelos fios de cabelo. Ela nos rende e nos carcome as unhas do pé, para, num sobressalto, querermos nos livrar de sua infestante presença. Quem sabe escrever mais um pouco esse texto. Falar ou fazer alguma besteira. Prestar atenção aos sussurros do próprio corpo ou no corpo do outro. Dançar só. Estar junto com as crianças. Valorizar cada momento sob o sol e o vento tocando o corpo. Amar o outro ao seu lado, amar-se. Ecoar-se. Pausadamente. Silenciosamente, como as ruas adormecidas da cidade interrompida.



Referências

- CALVINO, Í. (1990). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia. das Letras.
- KASPER, K. M. (2009). Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? *Pro-Posições*. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643397> Acesso em 01/04/2020.
- KASPER, K. M.; TÓFFOLI, G. de S. (2018). Errâncias: cartografias em trajetos de-formativos. *Leitura: Teoria & Prática*. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666> Acesso em 01/04/2020.
- LARROSA-BONDÍA, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 01/04/2020.
- PÁL PELBART, P. (2000). *Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras.
- PEREIRA, J. C.; CODES, D. de; SILVEIRA, E.; TONON, E. H.; CORSO, G. K.; GUIMARÃES, L. B. (2017). *Des-loucar-se*. Campinas: BCCL/UNICAMP.
- SANTOS, J. dos; KASPER, K. M. (2016). Andanças: Pesquisa e formação como processualidade subjetivante. *Educação: Teoria e Prática*. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11643> Acesso em 01/04/2020.
- VAZ, T. (2018). Devir-descarte: habitar transbordamentos. *ClimaCom*. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=89b92> Acesso em 01/04/2020.

